

## CASA DA FLOR: BRASILIDADE EM ARQUITETURA POPULAR

Angela Maria Moreira Martins

Adriana Lages

Clarisse Serapião

### ABSTRACT:

This paper refers to a Brazilian popular building called Casa da Flor, situated in São Pedro da Aldeia, Rio de Janeiro. It was projected by a simple and poor man who lived in the interior of Brazil. His name is Gabriel dos Santos and he dedicated his life to create this house according to his dreams. Despite its simplicity, it is possible to trace similarities with the work of Antoni Gaudí, the famous Spanish architect, who also used to utilize pieces of ceramics on the walls of his buildings. Casa da Flor is an important example for Brazil, an example of creativity and sensibility of a man who imagined life decorated by pieces of colors.



**Figura 1. - Nome da Casa e Data de Início dos Enfeites da Mesma**  
Autor: AMMMartins, novembro de 1998.

Angela Maria Moreira Martins  
Doutora em Arquitetura pela Universidade Paris X – Natterre  
Mestre em Arquitetura pelo Instituto de Geografia – UFRJ  
Docente do ProArq – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – FAU-UFRJ e do Mestrado em História da Arte, Setor de Antropologia da Arte – EBA-UFRJ  
Representante do Núcleo de Estudos e de Apoio ao Turismo – FAU-UFRJ  
Adriana Lages  
Mestre em Arquitetura pela FAU-UFRJ e Pós-graduada em História da Arte e da Arquitetura no Brasil pela PUC-RJ  
Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Apoio ao Turismo – FAU-UFRJ  
Clarisse Serapião  
Mestranda em Arquitetura pela FAU-UFRJ  
Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Apoio ao Turismo – FAU-UFRJ

A Casa da Flor foi recentemente considerada como patrimônio cultural do Município de São Pedro da Aldeia, no Estado do Rio de Janeiro. À primeira vista, parece uma casa qualquer de pau-a-pique do interior do Brasil, tendo apenas como peculiaridade a decoração de suas paredes por cacos de cerâmica formando flores. Mas, através de um olhar mais atento e sensível, vê-se uma obra arquitetônica de cunho popular, expressão autêntica da arte do caboclo brasileiro.

Para alcançá-la, deve-se tomar como ponto de partida, no referido município, a Praça Dr. Plínio de Assis Tavares, seguir pela Av. São Pedro até a RJ-140 e, então, se direcionar no sentido de São Pedro da Aldeia/Cabo Frio até o quilômetro 6, dobrando à esquerda na Estrada dos Passageiros (antiga estrada para Cabo Frio), cerca de 400 metros até o local onde está situada a casa, no Bairro Vinhateiro, distando 7 quilômetros do ponto referencial de São Pedro da Aldeia (Igreja Matriz).

Mas, o que faz desta casa de um artista anônimo, de técnica construtiva tão rudimentar se transformar em patrimônio cultural<sup>1</sup> de um Estado?

Com certeza suas formas puras, esculpidas no barro, cal e pedras, com materiais retirados do lixo e pelas mãos de um homem rude, mas sensível ao ato de criar do nada um sonho. Pode-se atribuir a Casa da Flor um valor artístico de



**Figura 2 - Entrada da Casa da Flor**  
Autor: AMMMartins, novembro de 1998.

12

1. Segundo o Decreto nº 25, promulgado durante o Estado Novo no Brasil, Patrimônio Cultural é: o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país cuja conservação seja de interesse público quer por sua vinculação a fatos memoráveis, quer pelo seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

inestimável significado para a nossa cultura, junto à apropriação afetiva de uma população que reconhece nela uma criação do seu meio, de sua história, de suas raízes.

A Casa da Flor é uma construção singela erguida parcimoniosamente durante toda a vida de um homem do campo inicialmente analfabeto, filho de um negro e de uma índia, que sonhava à noite e construía seus sonhos durante o dia. Apresenta-se como uma manifestação de nossa arte popular e do seu imaginário, ou seja, *dentro do conjunto das imagens não gratuitas e das relações de imagens que constituem o capital inconsciente e pensado do ser humano. Este capital é formado pelo domínio do arquetipal localizado em contextos culturais.* (Coelho, 1997: 212).

Assim, ela representa uma parte da nossa identidade cultural, o que significa que ela está inserida no nosso *sistema de representação das relações entre os indivíduos e os grupos e entre estes e seu território de reprodução e produção, seu meio, seu espaço e seu tempo.* (idem: 201)

Mas, quem era este homem que a construiu ? De onde ele veio ?

O “arquiteto” da Casa da Flor chamava-se Gabriel Joaquim dos Santos e nasceu no dia 13 de maio de 1892, no Estado do Rio de Janeiro.

Para conhecermos este homem e a sua origem, reconstruímos sua genealogia a partir da memória oral, ou seja de testemunhos dos seus familiares ainda vivos, que ficou assim definida:<sup>2</sup>

Árvore genealógica de Gabriel:

1ª geração:

Benavenuto Joaquim dos Santos (negro da Costa, África) (pai).

D. Leopoldina (filha de índios, de Cantagalo) (mãe).

2ª geração:

Gabriel (Bié)

Bernardo (Bernardino) Vinuto - Felipe - Antônio - Exequiel - Manoel - Estanislau

Bia (Maria) - Quintina - Paulina - Epolinária - Sincéria.

3ª geração: De Seu Bernardo (Bernadino) Vinuto e D. Brigida se tem :

Wilson - Clenia (D. Naná) - Dalva

4ª geração: De Clenia (D. Naná) (viúva) e Seu Leonardo se originou :

Valdevir - Valfrenio - Valmir

Evanilda - Evanda - Maria das Graças.

De Clenia (D. Naná e um companheiro)

Carmem

2. Foi especificado aqui apenas o ramo da família que permaneceu no terreno da Casa da Flor.

Seu pai, Benvenuto Joaquim dos Santos, era um negro, nascido na Costa do Marfim, na África. Foi provavelmente feitor de escravos.

Sua mãe era D. Leopoldina, “uma mulher bonita, filha de índio, nascida em Cantagalo”, segundo o Sr. Wilson, seu sobrinho, que a chamava de Mãe Dina. Era uma mulher de prendas domésticas: “gostava muito de fazer bolo de puba<sup>3</sup> e sobra de amendoim, que fazia com perfeição”.

“Seu Benvenuto e D. Leopoldina” tiveram 6 filhos e 6 filhas: Gabriel, Exequiel, Manoel, Felipe, Antonio, Bernardino, Quintina, Paulina, Estanislau, Epolinária, Maria e Sincéria.

Bernadino, o irmão mais velho de Gabriel, é o pai do Wilson que, na realidade, foi criado por Gabriel e Quintina, irmã mais velha de Gabriel (que faleceu com cento e vinte anos). Ela fazia, à mão, “panelas de barro, potes pequenos e jarras bem acabadas, que pareciam trabalhadas em torno” (Wilson).

D. Paulina, outra irmã de Gabriel, também gostava de fazer panelas de barro. Nelas cozinhava feijão e canjica que eram, às vezes, encomendadas para casamentos de pessoas mais abastadas. D. Sincéria (Wilson chegou a conhecer) era a caçula da família. Também, confeccionava muita farinha de araruta, farinha para massa e farinha de mandioca, num total de 4,5,6 sacos por mês.

Gabriel nunca se casou, não teve filhos e era crente batista, igreja que freqüentou por mais de 50 anos. Era um homem muito espiritualizado:

“Idoso, quase cego, recorria a outras pessoas para que lessem a Bíblia para ele” (Carmem, sobrinha de Wilson).

Trabalhou na roça e nas salinas e aposentou-se com um salário mínimo. Era também escultor de santos, carpinteiro, marceneiro e construtor. Apreciava a vida na roça, fazia farinha, criava galinhas e cachorros para quem costumava fazer túmulos quando morriam. Trabalhou toda a vida na lavoura e tirava lenha da restinga (Salina Grande, hoje Perinas) para os portugueses.

Era um homem muito simples. “Comia em panelas de barro. Gostava de comer carne seca, em pedaços grandes, lombo, meia dúzia de ovos, tempero, abóbora, batata, batata-doce, chuchu, arroz, tudo numa única mistura que era cozido na lenha que ele mesmo pegava no mato” (Carmem).

Tinha o hábito de ir a pé até São Pedro da Aldeia para receber sua aposentadoria, não andava de ônibus. Era uma pessoa muito curiosa e anotava tudo o que se passava na comunidade: as visitas a Casa da Flor, dinheiro emprestado, casamentos de pessoas conhecidas, construções, etc. Assim como, tinha colado em seu caderno de apontamentos retratos da família, sua ascendência, com a data de nascimento e morte de cada membro. Ele era conceituado, entre seus familiares e vizinhos, como uma pessoa muito inteligente.

3.Segundo O Novo Dicionário do Aurélio, puba vem do tupi pubae, “fermentado”. Era a mandioca posta na água até amolecer e fermentar.

Na velhice teve uma barba grisalha e grande, gostava muito de usar um chapeuzinho de palha e costumava comprar fumo, queimar e fumar no cachimbo de barro que ele mesmo fazia. Faleceu no dia 3 de março de 1985, de um tombo.

O terreno da Casa da Flor pertenceu ao pai de Gabriel, depois a ele e seus irmãos, dentre eles Bernardo Vinuto, pai de Clenia Pereira dos Santos (D. Naná) e Wilson Pereira dos Santos, que até bem pouco tempo, ainda moravam no mesmo local.



**Figura 3 - Fachada Principal**  
Autor : AMMMartins, novembro de 1998.

Nesta área, tem-se, hoje, três casas: a de D. Naná, a da Flor e a de Carmem, filha de Naná. No terreno, à esquerda da Casa da Flor, mora a família de Felipe, um sobrinho de Naná e Wilson e, à direita, a casa de um filho de Naná e de outros parentes da família de seu marido.

A Casa da Flor é uma arquitetura sem projeto ou arquiteto erudito, elaborada por Gabriel, "Seu Bié", como era chamado. É arquitetura onírica vinda dos sonhos deste homem, de um mundo que era só seu e de Deus. A Flor é, pois, a concretização do ideal de beleza de um homem puro, seu espaço espiritual, sem luz ou água encanada, um "espaço sagrado".

Gabriel a construiu no alto de uma pequena colina, bem na curva da estrada de acesso ao bairro, de onde se podia ver toda a vizinhança. Implantou a casa de maneira peculiar: com a sala e quarto na parte oposta ao acesso da casa, com o propósito de obter além de mais privacidade, uma boa insolação, com o sol nascente que batia ali.

Nesse mesmo local existiu uma antiga fazenda de escravos que o Sr. Benavenuto, pai de Gabriel comprou. Nesta época, já existia a casa de D. Naná... com uma cozinha de lenha...

As irmãs de Tio Bié, Quintina e Paulina faziam panelas de barro, tirado dos fundos do terreno, usavam a água da mina d'água que também tinha ali.

No local tem um velho pé de guararema, ali acontecia coisas estranhas, os rádios dos carros paravam de funcionar.

Era lugar de fantasmas, onde muita gente via muita coisa, via gente, barulho de machados...

*Hoje não, fizeram muita oração ali.* <sup>4</sup>

O antigo nome da fazenda era "A Malfada", nome da proprietária e, por esta razão, este local era chamado de "A Pedra da Malfada".

Segundo entrevista com o Sr. Wilson<sup>5</sup>, existia ainda no local uma Igreja de Santo Antônio que foi demolida.



**Figura 4 - Exterior da Casa da Flor**  
Autor : AMMMartins, novembro de 1998.

As entrevistas com os parentes remanescentes de Gabriel nos conduziram a hipótese de que foi uma família de sobrenome Nunes quem comprou esta fazenda e teria dado o terreno para o pai de Gabriel que, então, se mudou com a família para lá. Seus filhos eram, naquela ocasião, ainda crianças quando deixaram o município de Cantagalo para morar na fazenda.

Seu Benvenuto, segundo Seu Wilson, construiu sua casa neste terreno. A área possuía 1 002 lotes de 12 m x 18 m e, na sua opinião, foi comprada, paga e registrada por um conto de réis. Wilson tinha a escritura que hoje pertence ao Estado que adquiriu a propriedade.

Posteriormente, o terreno foi dividido entre os herdeiros: Wilson ficou com o total de 12 lotes, Naná com 13 e a outra irmã, Dalva, também com 13.

Wilson afirma que a Casa da Flor começou a ser decorada em 1923 (muito embora ele só tenha chegado ao local em 1925).

Amélia Zaluar (1986) confirma:

*A casa foi iniciada em 1912 e nunca terminada. Por volta de 1923, Gabriel começou os "bordados", ou seja, a enfeitá-la com cacos de cerâmica, azulejos, peças quebradas de louças, etc., compondo flores, daí o nome Casa da Flor*

Wilson tinha, na época que chegou a fazenda, sete anos e D. Naná, nove. Ele com mais outras crianças trabalharam juntando caquinhos que eram usados na decoração da casa. Gabriel (Seu Bié) pagava a eles um tostão (200 réis) por dia de trabalho.

Por outro lado, nas semanas que "Seu Bié" permanecia em casa, ele trabalhava diariamente na construção da Casa da Flor. Segundo Seu Wilson, Gabriel sonhava e no dia seguinte dava continuidade a sua obra baseando-se nestes sonhos. Na sua opinião, Gabriel era um vidente.

A obra foi iniciada pelos alicerces, depois que as pedras grandes já haviam sido agrupadas e transportadas para o local. Usaram no lugar de cimento, que era muito caro, uma massa de barro com pé de caieira (cal e concha grossa misturados com barro vermelho), comprado nas caieiras da região. Após a conclusão dos alicerces foi iniciada uma nova etapa com o emprego apenas de pedras menores, como por exemplo, nas próprias paredes.

"Depois que pegava a obra pesada de alicerce, então ele pegava nas obras das pedras pequenas, ele prá enfeitar esta casa, ele enfeitou com resto de piso, de azulejo, estas coisas ele deu depois dá forma" (Wilson).

A construção foi iniciada pelo piso do quarto de Gabriel (lado direito da casa), depois, fez-se a sala e por último o quarto de banho, "ele não botou vaso, tinha uma banheira, uma bacia grande, onde ele tomava banho ali.." (Wilson). Depois, fez o calçamento externo e o muro. E, por último, foi feito a parte de cima

do morro, entre a casa e o quintal, o moitão<sup>6</sup>, na parte superior do muro, aonde Gabriel trabalhou por cerca de um ano. É válido salientar uma singularidade a mais: não havia corredores internos na casa.

Os móveis também foram da autoria de Gabriel, uma vez que a partir de qualquer objeto que ganhava, ele “reformava”, decorava e adaptava ao seu modo e dentro do “estilo” da casa, às vezes mudando totalmente o seu uso inicial.

Os objetos ou elementos mais importantes da Casa da Flor (usados, criados ou recriados) são:

- uma mesa ao lado da entrada da casa,
- o símbolo da volkswagen,
- um baú,
- uma estante de alvenaria para guardar livros evangélicos (o altar dos livros),
- um armário embutido para guardar louças antigas,
- uma cama de jacarandá feita por ele,
- retratos diversos (Seu Wilson, o professor que ensinou-lhe a ler e a escrever de 29/06/66, Getúlio Vargas)
- uma bandeirola do Brasil,
- outra mesa,



Figura 5 - Vista do Interior da Casa da Flor (sala)  
Autor: AMMMartins, novembro de 1998.

<sup>6</sup>.Segundo o Novo Dicionário do Aurélio, moitão era uma peça de madeira, ou metálica, constituída de uma ou duas faces ovais ou elíptica, atravessadas por um eixo, às vezes providas de roldanas e de uma alça de ferro e que serve para levantar pesos e maquinismos, mover cenários, etc.

- cadeira,
- diversos tipos de lampadários (falsos já que não tinha luz elétrica, eram só decorativos).

No seu exterior, encontra-se, por sua vez :

- escadas para acesso ao alto da pequena colina (tendo de cada lado e ao alto, flores estilizadas);

- nichos com diferentes objetos (osso de baleia, por exemplo);

- flores de pedra;

- jarras de cerâmica;

- falsas chaminés;

- corredores externos nas fachadas norte e leste;

- cerâmica com as Armas da República;

- filtro (de cerâmica) para água da chuva colocado em baixo da calha de água num processo natural de filtração;

- um túmulo para cachorro;

- interessantes bancos incrustados nos muros de fundos cobertos com azulejos e tendo algumas inscrições<sup>7</sup>, frases e datas (como pedidos de proteção divina, recordações de acontecimentos importantes como :

- Casa da Flor- 1923,

- 25/02/68, 29/G/1923,

- 25/08/78,

- 1949,

- Lembrança de Gabriel dos Santos nasceu em 13 de maio de 1892,

- Gabriel dos Santos de 194?,

- 12 de setembro, 12/03/65,

- Deus esteja nesta casa 10 de abril de 1899,

- Disse Jesus prega o evangelho... será salvo Gabriel dos Santos 12 de setembro de 19...).

Os principais materiais utilizados como revestimento externo da casa foram os cacos de cerâmica, os seixos, as conchinhas, ossos e vidros. Gabriel não utilizou pintura nem no interior nem no exterior da casa, as cores foram determinadas pelos materiais utilizados.

Logo, ela foi elaborada com elementos construtivos disponíveis no local e com uma tecnologia adaptada e utilizada pelas camadas sociais mais simples, em um projeto de um artista sem acesso à informação formal e, portanto, reflexo da sua percepção individual do mundo em um contexto cultural unicamente brasileiro.

Interessante e até mesmo contraditória é verificar a semelhança da sua produção arquitetônica com:

7. Aliás, estas inscrições estavam espalhadas por todo o exterior da casa, não somente nos bancos.

1-A do Arquiteto Catalão Antoni Gaudí. São as mesmas formas orgânicas e os mesmos pedacinhos de azulejos coloridos, particularmente aqueles que se encontram nos bancos do Parque Güell em Barcelona.

2-E a do visionário francês Facteur Cheval que construiu no interior da França, em Hauterives, no Departamento de Drôme, um palácio, ele mesmo um simples carteiro.

Tem-se de um lado um “letrado” e um homem alfabetizado que consultava as principais obras de seu século que estavam ao seu alcance e, de outro, um homem que foi inicialmente um analfabeto<sup>8</sup> que não dispunha de elementos de referência eruditos.

Além do mais, trata-se de realidades culturais completamente distintas, unidas, talvez, pelo inconsciente coletivo.

Entretanto, todas são obras plenas de significados para a história de cada lugar e admiráveis no sentido de sua grandeza como arquitetura solitária de homens sensíveis que dão as nossas vidas uma curiosidade a mais.

Gabriel morreu, mas a sua Flor ficou...

A Casa da Flor, depois da morte de Gabriel, foi ocupada pelo seu sobrinho Wilson. No entanto, recentemente ela foi adquirida pelo Município e aguarda o início das obras de restauração. Seu Wilson e a família foram indenizados pela Prefeitura de São Pedro da Aldeia que também construiu uma outra casa para acomodá-lo.

Entretanto, considerando-se o estado de deterioração da Casa urge que tal empreendimento seja feito em curto prazo, pois a Casa da Flor já é uma atração turística desta região e está destinada a uma divulgação mais ampla e organizada, uma vez que existe um projeto para sua restauração sob fiscalização do Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (INEPAC), com verba do governo federal<sup>9</sup>

. Segundo informação da Secretaria de Turismo/Departamento de Cultura de São Pedro da Aldeia a casa será, posteriormente, aberta à visitação pública.

A Casa da Flor passou ao longo dos anos a ser visitada por turistas, pesquisadores, artistas, pessoas de cinema e TV. Todos reconheciam o valor da obra do salineiro visionário.

A comunidade da região se movimentou e exigiu através de um abaixo assinado com 2.000 assinaturas, que o Governo tombasse e preservasse a Casa da Flor como Patrimônio Cultural do Estado. O documento foi recebido e a casa consagrada como monumento da cultura do povo.

*Reconhecendo-se sua grande beleza, sofisticação plástica e arquitetônica, o monumento foi tombado, incorporando-se ao Patrimônio Histórico e Cultural do Município de São Pedro da Aldeia, através do Decreto número 335/87, de 16 de*

8.Seu Bié só se alfabetizou em adulto e já com uma idade avançada.

9.Mas que, infelizmente, ainda não foi iniciada as obras,.

outubro de 1987. Por outro lado, por considerar a Casa da Flor um “traço vital” da vertente popular de nossa arte e um bem cultural de raro valor, o INEPAC declarou-a, em 14 de janeiro de 1998, um bem tombado nos termos do Decreto número 5. 808 e promoveu o tombamento definitivo em 13 de novembro de 1987.<sup>10</sup>



**Figura 6 - Detalhe : A criatividade de Gabriel e a deterioração da Casa da Flor.**

Autor : AMMMartins, novembro de 1998.

A Casa da Flor já foi notícia na imprensa nacional. Foi matéria do Jornal Hoje da TV Globo de 7 de maio de 1998, falando acerca de sua restauração e entrevistando o Sr. Wilson. Existe também vários vídeos sobre a Casa da Flor pertencente a TVs de Cabo Frio.

Na imprensa escrita, foram publicadas uma série de reportagens nos jornais locais sobre a Casa da Flor, confirmando o interesse da comunidade local sobre este bem. Como por exemplo: no “Ecológico”, informativo do movimento de ressurgência de Arraial do Cabo, ano 1, número 1, setembro de 1994, com um artigo sobre a “Casa da Flor - 1892/1985” (nascimento e morte de Gabriel) e no “O Dia” de domingo, de 22 de fevereiro de 1998, com um artigo intitulado “Desapropriação Polêmica”.

Várias exposições já foram organizadas dentre as quais: a do Espaço Cultural Banco do Brasil, em 29 de maio de 1992; a do Edifício Sede da Delegacia Regional do Rio de Janeiro; a do Banco Central do Brasil; em São Pedro da Aldeia, em 1989 e na PUC do Rio de Janeiro<sup>11</sup>.

10. Texto de Amélia Zaluar publicado no opúsculo da Prefeitura de São Pedro da Aldeia sob título: Informações Básicas, Prefeitura Municipal de São Pedro da Aldeia, Administração 1993/96

11. Não foi possível estabelecer as demais datas.

A Casa da Flor já foi também tema de Escola de Samba, em 1984, através do G.R.E.S. Império de Cabo Frio, com uma idéia tema de Vinícius Corrêa e pesquisa e desenvolvimento de Amena Mayall. O samba enredo foi de Jorge Luís, Jorginho e Rubinho, com visão artística de Marcílie e Zinha e teve o seguinte texto de instrução dos jurados:

*Seguindo sua linha tradicional de valorização das manifestações da cultura popular de nossa terra, o G.R. E. S. Império de Cabo Frio apresenta o enredo "A Casa da Flor". O tema comemora o tombamento estadual, conseguido pela comunidade, deste maravilhoso monumento da arte popular regional construído com cacos, lixo e quinquilharias, ao longo de 60 anos, por mestre Gabriel dos Santos, negro, salineiro e artista visionário que, com os meios da pobreza, transformou sua humilde morada em palácio de talento, arte e amor- hoje consagrado como Patrimônio Cultural do Estado do Rio de Janeiro.*

Apesar do reconhecimento público do seu valor como patrimônio arquitetônico e cultural, a Casa da Flor se encontrava até pouco tempo em processo de deterioração, quando ainda estava ocupada pelo sobrinho de Gabriel, Wilson, que já estava idoso e cego e não possuía os recursos necessários para sua devida manutenção.

Com o tombamento definitivo e a liberação das verbas oficiais para a restauração da casa, aguarda-se apenas o início das obras, estando o monumento por enquanto protegido das intempéries por uma lona plástica.

*A intenção da prefeitura do município é de confirmar o monumento como atração turística local, ou melhor, transformá-lo em símbolo de São Pedro da Aldeia, ou seja, sob o ângulo antropológico, transformá-lo num *signo concreto que evoca, por meio de uma relação natural, algo de ausente ou impossível de ser percebido diretamente e que, por meio desse concreto sensível, figurado, é reconduzido ao domínio do significado.* (Coelho, *ibid.*: 242).*

Assim, a Casa da Flor passa a ser um Símbolo Cultural, uma referência do município. Afinal, é uma arquitetura autêntica de um brasileiro simples e curioso, criativo por excelência, assim como somos reconhecidos, todos nós, o povo brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BASTIDE, R.(1959) *Sociologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Anhembi.  
BELTRÃO, L.(1980) *Folkcomunicação: a Comunicação dos Marginalizados*. São Paulo: Cortez.  
BERGER, J. (1987) *Modos de Ver*. Lisboa, Ed. 70.  
BERNARDI, B.(1988) *A Introdução aos Estudos Etno-antropológicos*. S/L: Ed. 70.  
COELHO, T. (1997) *Dicionário Crítico de Política Cultural. Cultura e Imaginário*. São Paulo: Iluminuras.

- DAMATTA, R.(1987) *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- FRÓES, L.(1978) *A Casa da Flor*. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Educação e Cultura, FUNARTE.
- GUIMARÃES ROCHA, E.P.(1984) *Testemunha Ocular: Textos de Antropologia Social do Cotidiano*. São Paulo: Brasiliense.
- JOUBE, JEAN-PIERRE; PREVOST, CLAUDE E PREVOST, CLOVIS. *Le Palais Ideal du Facteur Cheval. Quand le songe devient la réalité*. Hédouville, Ed A.R.I.E. Editions, 1994.
- PEIRANO, M.(1995) *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- POSSE, Z. C. S., J. ALVAR, J. L. FERNANDES, D. HASS (1996) *A Arte das Tradições Populares*. Curitiba: Ed. UFPR.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PEDRO DA ALDEIA. (1996) *Informações Básicas São Pedro da Aldeia. Administração 1993/96*. São Pedro da Aldeia: Ed. Prefeitura Municipal.
- ZALUAR, A.(1986) *A Casa da Flor – “Uma Casa de Cacos Transformada em Flor”*. Rio de Janeiro: Centro Cultural da PUC/RJ, PUC.
- \_\_\_\_\_. (1997) *A Casa da Flor – Uma Arquitetura Poética*. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, **25**.
- ZERBST, R.(1997) *Antoní Gaudí. Todas sus obras*. Köln: Ed Taschen.